

O HOMEM QUE AMAVA RAPAZES E OUTROS ENSAIOS:
UMA VISÃO DE MUNDO AFETIVA

LÚCIA FACCO

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 264p.

Segundo livro de Denilson Lopes, professor da Faculdade de Comunicação da UnB, Doutor em Sociologia e Mestre em Literatura Brasileira pela UnB. Atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma universidade. Seu primeiro livro é *Nós os mortos: melancolia e Neo-Barroco* (RJ, Sette Letras, 1999), versão revisada e reduzida de sua tese de doutorado, defendida em 1997. Como disse Silviano Santiago, na orelha deste primeiro livro, o pronome nós, do título já desmascara a intenção do narrador de se aproximar do objeto de estudo, ao invés de tomar o distanciamento usual em ensaios. Este pronome servirá também como um convite a nós leitores, para que nos aproximemos e sejamos coniventes com o narrador na reflexão sugerida, ou antes, provocada pelo texto, onde podemos ler: “É a arte que me conduz para dentro de mim e para o mundo, para a ciência e para a religião, para o pensar e para o sentir, minha teoria e minha prática, possibilidade frágil, desesperada de alguma beleza. É por esse pouco de beleza que vivo. É na e pela arte que aparece o melhor deste texto.” (p.19)

Anunciava-se já o estilo pioneiro e corajoso da escrita ensaística de Denilson, onde há um hibridismo, tão comum no pós-modernismo, em relação à ficção, constantemente penetrada pelo ensaio. Nem sempre tal hibridismo é uma via de mão dupla, pois raramente se dá nos textos teóricos, geralmente neutros, descritivos, impessoais. Como disse Ítalo Moriconi, no prefácio deste segundo livro, Denilson “puxa fios até transgredir os limites de gêneros (nos dois sentidos da palavra) e chegar ao autobiográfico, ao puro literário. O puro literário, que é uma forma despudorada de escrita.”(p.14)

O título *O homem que amava rapazes* é ousado pelo que explicita e sofisticado ao nos remeter à lírica greco-latina, lembrando-nos que a “atração por rapazes conforma talvez a mais antiga forma de

homotextualidade no Ocidente.”(p.51). Ele nos deixa claro, em seu tempo verbal, no melhor estilo “Era uma vez...”, que o que veremos é, como afirma Denilson, “uma história em primeira pessoa no desejo de encontrar outras.” (p.20) O fato, contudo, de chegar esta escrita ao autobiográfico, não faz com que ela fuja de uma consistência teórica. Ainda segundo Ítalo Moriconi, o livro é “um ensaio estético, fortemente apoiado na crítica literária e voltado para mapear sensibilidades de época.” (p.13)

Dez ensaios compõem o livro. No primeiro deles, “Escritor, gay”, Denilson contextualiza a institucionalização e estabilização dos movimentos homossexuais, mapeia a entrada e o desenvolvimento dos estudos gays nas universidades norte-americanas e brasileiras, declara que prefere o termo “homoafetividade” aos usuais “homossexualidade” ou “homoerotismo”, deixando claro que o interesse, a discussão do seu texto, vai muito além do sexo-rei, levando à reflexão sobre a questão de gênero. Tratando dos diversos tipos de relações afetivas entre homens (pai e filho, irmãos, amigos, amantes), o texto questiona o fato de que o homem é, ou deve ser, diferente da mulher, um ser não-afetivo. Este ensaio está todo entremeado pelas experiências pessoais do autor. Ou seja, fica claro que ele está vendo as questões “de dentro”.

O segundo ensaio chama-se “Caderno T”. Puramente confessional, possui um tom de anotações íntimas em um diário, levando-nos a lembrar de Ana Cristina César. O afloramento, desnudamento do mais íntimo, particular. Teve uma versão anterior publicada na coletânea de contos organizada por José Carlos Honório, *O amor com olhos de adeus*. (São Paulo, Transviatta, 1995).

O terceiro ensaio é o que dá nome ao livro, “O homem que amava rapazes”, porém, aqui vemos um subtítulo: “um ensaio B”, lembrando-nos *Onde andaré Dulce Veiga?: um romance B*, de Caio Fernando Abreu. Através da leitura do filme de Luchino Visconti, *Morte em Veneza*, Denilson nos fala mais do olhar do que da imagem. O voyeurismo como “ato pedagógico, de reeducação dos sentidos, rumo a uma visão de mundo afetiva.” (p.54). Visão essa que o narrador, também voyeur, explicita no fragmento que encerra o ensaio: “Volto o filme. Olho mais uma vez o rosto de Tadzio imobilizado no vídeo. Levanto da poltrona. Desejo tocá-lo. Não consigo evitar as lágrimas.(...)Não há ruídos na casa. Não há ninguém. Apenas o dia querendo nascer.” (p.64)

“E eu não sou um travesti também?”, quarto ensaio do livro retira do âmbito gay a figura do travesti, chegando até a questão universal e contemporânea da aparência, a formação das nossas subjetividades, pelo uso de máscaras, pelo nosso travestimento, pelo simulacro, em um mundo onde a aparência se torna cada vez mais importante que a identidade, a ponto de confundir a nós mesmos, como vemos no trecho que encerra o ensaio: “Agora eu sou uma estrela. A ela todos notam. Eu sempre fico quieto no meu canto.(...) Ela busca a alegria, desesperadamente. Eu vivo com uma dor, constantemente.(...) Quando escrevo estas frases, cada vez tenho mais dúvidas sobre quem estou falando quando digo ela e eu.” (p. 84-85)

“Terceiro manifesto camp”, trata da construção do indivíduo como ideologia da civilização moderna. Há a definição do termo “camp” em duas esferas: como comportamento, pode ser comparado à afetação de certos homossexuais; como questão estética, seria o brega assumido. De qualquer maneira, é a preferência pelo exagero. Denilson diz: “O que me interessa é perceber o travestimento como valorização do artifício como categoria central, em estética e na composição de uma identidade performativa do sujeito contemporâneo.” (p.103) As categorias são diluídas. Camp somos todos nós.

Em “Uma história brasileira”, Denilson traça um panorama da homotextualidade na literatura brasileira, não sem antes propor como questão inicial, “o que um olhar crítico homoerótico acrescenta à cultura brasileira e como a representação da homossexualidade se torna ou não estrutural à sua literatura?” (p.121) e chamar a atenção para a importância da construção de memórias alternativas na formação de uma sociedade multicultural.

“A viagem e uma viagem”, trata da melancolia, como sensibilidade construída pela experiência da viagem pela vida, pela passagem do tempo. Fala da sensação de se sentir estranho, isolado, estrangeiro, tão comum no homem contemporâneo.

No ensaio “Entre homens, entre lugares”, a figura do estrangeiro em busca de seu lugar retorna, na leitura de textos de Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago e Alexandre Ribondi.

“Onde andaré o meu amor?”, é uma leitura do romance de Caio Fernando Abreu, *Onde andaré Dulce Veiga?: romance B*, onde, seguindo a sugestão do subtítulo, que nos remete ao “cinema B”, Denilson

aborda a importância e a força das imagens no texto. O ensaio é recheado de referências do cinema, música e das Divas do passado.

Fechando o livro, há o ensaio intitulado "Experiência e escritura". Metatexto que fala sobre o tom a ser adotado em um livro de ensaios e da experiência pessoal do autor. "Tencionar os limites da escrita tem sido uma experiência fundamental para mim. Mas ao terminar um livro em que radicalizei o uso da primeira pessoa, a expressão do crítico no ato da leitura, sem temer a exposição, a autobiografia, é como se tivesse chegando num limite, meu limite.(...) É tempo de mudar e procurar outras alternativas intelectuais, textuais."(p.257)

O homem que amava rapazes e outros ensaios é um livro importante não apenas para os interessados nos estudos gays, mas para todos aqueles interessados em estudos culturais em geral, pois Denilson vai, a cada ensaio, universalizando questões contemporâneas, de uma maneira nova e envolvente, que nos induz a partilhar de sua visão de mundo afetiva.